



ESPECIAL

O DESAFIO DA CONFIANÇA NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA

Oferecimento

Itaú 100

O futuro será
feito com você.



LUCIANA GURGEL
Editora-chefe
MediaTalks,
Londres

Há quatro anos, lançamos o [MediaTalks.com](#) com o propósito de compartilhar ideias capazes de contribuir para um debate informado sobre o papel das diversas mídias — da imprensa tradicional às redes sociais — buscando ajudar na construção de um ecossistema de informação vibrante e transformador.

Sob essa perspectiva, também temos explorado as percepções públicas e a representação de temas vitais para um mundo melhor, como a diversidade e as mudanças climáticas, a confiança nas marcas e corporações e o valor dos princípios ESG.

Hoje celebramos esse marco com uma edição especial sobre os temas debatidos na **Trust Conference 2024**, um dos mais importantes fóruns globais sobre confiança, promovido em outubro pela The Thomson Reuters Foundation em Londres, onde está nossa base editorial.

A inteligência artificial emergiu como um dos maiores desafios para a confiança e sustentabilidade do jornalismo e das instituições, dominando os debates.

Adoção e uso responsável, transparência e governança global da IA foram alguns dos temas analisados por especialistas que estão na linha de frente da defesa da confiança no jornalismo e em instituições públicas e privadas.

Além dos desafios da IA, a Trust Conference abordou questões cruciais como a sustentabilidade do jornalismo, o efeito da polarização e da desinformação sobre a democracia, as velhas e novas ameaças à liberdade de imprensa e o futuro do ESG.

O debate sobre o ESG foi otimista, destacando seu papel relevante como guia para empresas e líderes comprometidos com o desenvolvimento sustentável.

Em tempos de crises globais e mudanças rápidas, o compromisso com a verdade e a transparência são fundamentais não apenas para a sustentabilidade da mídia, mas também para a construção de um futuro mais justo e informado, uma missão que continua nos inspirando no MediaTalks.

E veja em MediaTalks a **revista completa**, com 30 páginas, e o **canal dedicado** aos temas debatidos na Trust Conference



Reportagem e edição: Luciana Gurgel e Aldo De Luca



Confira nas próximas páginas
uma edição compacta do
Especial



O Itaú Unibanco faz 100 anos e o futuro será feito com você.

Esta é uma homenagem a todos que
construíram o Itaú Unibanco nestes 100 anos
e vão construir os próximos 100.





“A inteligência artificial é claramente o novo campo de batalha pela confiança, provocando ansiedade mas também prometendo avanços e novas oportunidades”

Antonio Zappulla falando na Trust Conference (Foto: divulgação TRF)

Antonio Zappulla, CEO da Thomson Reuters Foundation destacou na Trust Conference os riscos e oportunidades da IA e seu impacto potencial sobre a confiança no jornalismo, nas instituições, na democracia e nas marcas.

"Sabemos que não é suficiente acompanhar o desenvolvimento da IA – precisamos estar um passo à frente quando se trata de regulamentação e adoção ética, se quisermos aproveitar suas oportunidades, em vez de exacerbar os danos potenciais. Isso requer cooperação e colaboração entre os setores público e privado e garantia de pluralidade de vozes, não apenas com assento à mesa, mas sendo ouvidas", disse Zappulla ao **MediaTalks**.

O jornalista foi o arquiteto do encontro que reuniu mais de 600 participantes de 45 países para um mergulho em temas interconectados e que levam a um destino: a democracia saudável, que é boa para as pessoas e para os negócios.

“Este é um momento histórico, pois estamos testemunhando um rápido progresso tecnológico, mas também um claro declínio democrático.

Em todo o mundo, vemos como a disseminação da IA, o uso da lei como arma para silenciar críticos, o aumento da polarização política, a perseguição à imprensa, a desinformação e a subversão de modelos de negócios estão convergindo para impactar a confiança no jornalismo.”

Ele defende a importância das práticas corporativas responsáveis para o bem social e para a confiança, não importa o rótulo que se dê a isso.

“Aconteça o que acontecer com a terminologia ESG, vejo grande potencial para a mídia e as corporações reforçarem uma estrutura para práticas empresariais responsáveis.”

Zappulla tem preocupações com as implicações da IA, mas não está entre os que só veem nuvens negras no horizonte.

Ao mesmo tempo em que enfatiza a necessidade de regras para que erros do passado na relação entre a indústria de notícias e as Big Techs não se repitam, destaca os aspectos promissores da inteligência artificial.

O CEO da Thomson Reuters Foundation salientou o impacto potencial da tecnologia que, apesar de ainda ser pouco compreendida pelo público, já está afetando a democracia global e os negócios, com previsão de acrescentar quase US\$ 16 trilhões à economia mundial até 2030.

Ele ressaltou questionamentos sobre precisão e segurança de dados, especialmente em modelos de IA usados para prevenir criminalidade, que, segundo ONGs de privacidade, podem reforçar discriminações.

E alertou que sistemas de IA que perpetuam desigualdades e violam os direitos humanos precisam de regulamentação urgente, dado o avanço rápido dessa tecnologia.

Antonio Zappulla enfatizou ainda a importância da transparência sobre o uso da IA em redações, onde o conteúdo gerado deve seguir padrões de ética e confiança.



Veja a matéria na íntegra na [versão completa do Especial](#)



“Shoplifters da informação”

A língua afiada da jornalista de tecnologia americana Kara Swisher sobre as Big Techs e o futuro da IA

Na mesma semana em que repercutia globalmente o manifesto assinado por mais de 10 mil artistas e profissionais da indústria criativa, entre eles celebridades como Julianne Moore, reclamando do uso não licenciado de seu trabalho pelas empresas de inteligência artificial, o pagamento pelo conteúdo capturado para treinar os modelos de linguagem foi debatido na Trust Conference.

As discussões giraram em torno da importância de regulamentar as empresas de tecnologia e suas ferramentas de IA, caminho defendido pelas principais organizações de jornalismo e por entidades como a Unesco.

Um dos painéis teve a participação de **Kara Swisher**, editora da **New York Magazine**, uma das vozes mais respeitadas - e temidas - do jornalismo de tecnologia.

Antes de subir ao palco com os óculos escuros que são sua marca registrada, ela foi apresentada como "força da natureza".

Com base em sua longa trajetória acompanhando os passos da indústria, Kara Swisher acusou as empresas de tecnologia digital de historicamente atuarem como "shoplifters" (ladrões de loja).

“Eu sempre os vi como ladrões de informações. É o que eles são, 'ladrões de lojas'. E continuarão a fazer isso com a IA, com todo o resto, até que tenham sugado tudo. O seu motor é o lucro.”

Poucos no mundo da mídia têm autoridade para uma declaração tão contundente. Swisher, de 61 anos, cobre a internet desde 1994 e em 2023 foi retratada em um episódio de Os Simpsons como repórter do Vale do Silício.

A jornalista é autora de livros sobre as Big Techs e de um podcast que ocupa o quinto lugar em audiência no mundo. Ela não economizou críticas a líderes das plataforma a respeito ao uso de conteúdo protegido por direitos autorais e moderação de discurso de ódio, citando entrevistas que fez com Larry Page, então CEO do Google, e com Mark Zuckerberg, CEO da Meta.

Swisher disse que as Big Techs são movidas por interesses capitalistas e que a responsabilidade por controlá-las deve recair nos reguladores.

Apesar da desigualdade de forças, a jornalista americana considera que ainda dá para lutar. E confia no poder do jornalismo.

Ela destaca que, embora essas empresas acumulem poder imenso, o papel da imprensa é continuar a expor suas ações e pressionar por regulamentações adequadas, mesmo sem a simpatia dessas corporações.

“O que temos que fazer é continuar a criar, falar, fazer reportagens incríveis, continuar pressionando contra esse poder.”



Veja a matéria na íntegra [na versão completa do Especial](#)



Dá para **desistir** das redes sociais atuais?

Tecnologias deliberativas podem ser o caminho para conversas reais **sem lucro e sem ódio**



Maria Ressa falando na Trust Conference (Foto: divulgação TRF)

A jornalista filipina **Maria Ressa**, vencedora do **Prêmio Nobel da Paz de 2021**, está convicta de que não é uma utopia parar de esperar “que as Big Techs finalmente cumpram suas promessas de que se autorregularão” e desistir das redes sociais controladas pelas grandes plataformas de mídia digital.

Co-fundadora e editora do site de notícias Rappler, ela deposita esperanças na construção de ‘tecnologias deliberativas’ – um conjunto de ferramentas digitais capaz de permitir que os usuários conversem uns com os outros a partir de seus interesses, sem terem seus dados vendidos ou serem expostos a discurso de ódio e desinformação.

O aplicativo **Rappler Communities**, baseado nesse conceito, foi lançado em dezembro de 2023, construído no protocolo de código aberto Matrix.

Ressa espera que até as eleições de 2025 nas Filipinas as ferramentas estejam em um nível que permita que “pessoas reais tenham conversas reais, sem manipulação para obtenção de lucro”

Exemplo de coragem por sua luta para resistir a uma avalanche de processos judiciais movidos durante o governo do ex-presidente Rodrigo Duterte, que chegaram a levá-la para a prisão, a jornalista é uma das críticas mais eloquentes da influência das redes sociais na sociedade, sobretudo na política.

Conversando com o **MediaTalks** antes de subir ao palco da Trust Conference, ela quis saber como estava a situação no Brasil após a mudança de governo. E comentou que o problema de desertos de notícias no Brasil é semelhante ao que acontece em seu país.

Ressa abriu sua participação no evento respondendo a uma pergunta provocativa: se achava que a democracia estava à beira de um precipício, como havia previsto há dois anos.

Ela respondeu que sim – mas com um toque de otimismo:

“*A situação está ainda pior do que há dois anos. O ódio que circula nas mídias sociais virou tudo de cabeça para baixo. Mas se reconhecermos a situação, é possível fazer algo para mudar.*”

Ressa disse que a desinformação busca travar o engajamento cívico, fazendo com que as pessoas duvidem dos fatos, criando desconfiância para que a sociedade não se mobilize.

Mas o ponto alto foi sua crítica ao sistema atual, que estimula o pior jornalismo:

“*Temos de competir num ambiente que recompensa o pior jornalismo, o que engaja mais, o que levou à febre do clickbait. Nesse cenário, esperar que os jornalistas resolvam o problema não é realista. Precisamos ganhar dinheiro, porque se não o fizermos, perdemos nossa independência. Mas como convencer os grandes investidores a investir em jornalismo? Porque se o jornalismo morre, a democracia morre.*”



Veja a matéria na íntegra na versão completa do Especial



“IA deve elevar o jornalismo a novos patamares”

Para **Richard Gingras, Vice-Presidente do News at Google**, o uso da IA não deve se limitar à busca de um jornalismo mais eficiente.

Em sua opinião, o principal desafio é o uso da IA para transformar o jornalismo e fazê-lo ir além de suas capacidades atuais.

“Como podemos fazer o jornalismo que precisamos fazer, não apenas para ganhar a confiança, mas para dar às pessoas uma visão verdadeiramente precisa e baseada em fatos do mundo em que vivem?”

Richard Gingras durante a Trust Conference (Foto: divulgação TRF)

Envolvido com mídia digital desde 1980 ou, como disse uma vez, "desde os dias dos modems movidos a vapor", Richard Gingras compartilhou algumas de suas ideias na Trust Conference 2024.

Ele acredita que a crise de confiança no jornalismo vem se desenrolando nos últimos 50 anos, e acha que a IA pode ajudar a virar esse jogo.

“Vivemos em um mundo altamente dividido. Temos mídias hiperpartidárias. Como podemos construir meios de comunicação e abordagens jornalísticas que ajudem a preencher essas lacunas? Como podemos usar a IA para ir além disso, para realmente dar um passo à frente?”

Gingras apontou o risco de o jornalismo exacerbar sentimentos de divisão com notícias sem o devido contexto, que pode ser dado com o uso de ferramentas baseadas em inteligência artificial.

Ele acredita que o público tende a perceber ameaças que não são reais, e que o jornalismo pode acabar contribuindo para isso ao reportar eventos sem contextualizar se é uma tendência perigosa ou não.

“Ferramentas podem ajudar o jornalista a dar esse contexto ou evitar o uso inconsciente de linguagem tendenciosa, de maneira a não deixar as pessoas tirarem conclusões erradas.”

Inteligência artificial nas redações e no negócio

Gingras lembrou que ferramentas de *machine learning* já vêm sendo usadas em redações há anos, citando o exemplo do Pinpoint, que permite analisar grandes volumes de documentos, mas tem outros potenciais.

O executivo do Google salientou que a IA generativa também oferece oportunidades na produção jornalística e para tornar o negócio mais sustentável, podendo ser usada em atividades para aumentar o engajamento e impulsionar assinaturas, por exemplo.



Veja a matéria na íntegra na versão completa do Especial



Como a inteligência artificial está ajudando a expor as perdas russas na Guerra da Ucrânia

O Kremlin dificilmente revelará o número real de soldados russos mortos na guerra da Ucrânia. Mas o russo **Roman Anin, fundador e editor do site iStories** está tentando fazer isso. Com a ajuda da IA.

O objetivo é revelar ao mundo, e principalmente à população russa, o preço real, em número de vidas, que o país está pagando “pelo desejo expansionista de Vladimir Putin”, diz o jornalista, exilado após o início da guerra com a Ucrânia.

Trata-se de um trabalho de jornalismo investigativo de enorme dificuldade, apresentado por Anin em um dos painéis da Trust Conference.

“Para mim, é o exemplo perfeito do uso da IA para tornar possível a investigação de um tema de interesse mundial, que não seria possível de outra forma.”

Ferramenta para identificar as baixas nas redes

Como não há, obviamente, dados oficiais disponíveis, Anin e sua equipe tiveram a ideia de pesquisar todas as menções a baixas militares no mundo digital russo, sejam elas avisos de missas, funerais, ou textos de despedida de familiares e amigos.

“A ideia era boa. No entanto, seria humanamente impossível, pois estamos falando de analisar milhões de postagens.”

Mas tornou-se viável a partir do desenvolvimento de uma ferramenta de AI, que foi concluída às vésperas da Trust Conference.

Anin, jornalista investigativo rotulado desde 2021 pelo governo de seu país como “agente estrangeiro”, já atuou no Novaya Gazeta, jornal do prêmio Nobel da Paz Dmitry Muratov, que fechou as portas após perseguição implacável do governo russo.

Acesso ao banco de dados será público

A ferramenta do iStories está varrendo textos e vídeos de plataformas de mídias sociais russas como VK, a mais popular do país, Odnoklassniki e Telegram, bem como fóruns regionais.

Ela identifica as postagens que envolvem militares e as analisa para verificar se mencionam baixas ocorridas na guerra atual. Por fim, valida os nomes encontrados antes de incluí-los no banco de dados.

É um projeto extremamente ambicioso, mas Anin está acostumado a desafios. Desde 2009 ele trabalha com o Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos e participou da investigação do escândalo Panama Papers.

“Nunca conseguiríamos realizar essa investigação sobre os soldados mortos sem a ajuda da IA. Não há comparação com o que eu e meus colegas conseguiríamos fazer manualmente.”

Anin ainda não sabe quando poderá divulgar o resultado dessa reportagem investigativa.

Mas uma coisa ele já sabe: vai disponibilizar a qualquer cidadão interessado o banco de dados dos soldados russos sacrificados. Com todos os nomes e sobrenomes, devidamente verificados.



O jornalista russo Roman Anin (Foto: divulgação TRF) e o canal iStories, que publica em inglês e russo



Veja a revista completa com outros insights sobre usos da IA no jornalismo



Oportunidades para uns, futuro sombrio para outros



Courtney Radsh, Ginny Badanes, Graham Brookie e Rasmus Nielsen, em painel da Trust Conference (Foto: divulgação TRF)

Com a popularização do ChatGPT e das demais ferramentas que disputam esse mercado, o caminho é sem volta: goste-se ou não, tema-se ou não, a IA generativa vai continuar transformando a produção e o acesso a notícias.

Um painel da Trust Conference discutiu como a integração cada vez maior da IA ao universo da mídia digital vai modificar a indústria de notícias.

Esse futuro já chegou para muitos. A moderadora do painel, a pesquisadora **Courtney Radsh, Diretora do Center for Journalism and Liberty**, dos EUA, informou que 56% dos textos disponíveis na Internet já são gerados por IA.

Um dos participantes do painel foi **Rasmus Nielsen**, que entre 2018 e setembro deste ano dirigiu o **Reuters Institute for the Study of Journalism**, na Universidade de Oxford, e hoje leciona no Departamento de Comunicação da **Universidade de Copenhague**.

Ele fala com propriedade sobre o tema, por ser um dos co-autores do Reuters Institute Digital News Report, que analisa anualmente a situação da indústria de notícias.

Oportunidades para uns, riscos para outros

Nielsen expressou preocupações sobre o impacto da IA generativa no setor.

Ele acredita que, à medida que a tecnologia se torne mais relevante para acesso a notícias, ela intensificará as pressões já existentes e reforçará a dinâmica em que algumas grandes organizações de notícias retêm um público privilegiado disposto a pagar, enquanto muitas outras ficam para trás na corrida por receita.

Mais produção não significa mais receita

O pesquisador alertou que usar a IA generativa para produzir mais conteúdo de baixo valor de forma barata não resolverá o problema central da indústria, que é a criação de valor.

No entanto, ele reconhece o potencial da IA generativa para fornecer informações verdadeiras, personalizadas e sob medida, aumentando a percepção de valor.

Testando os chatbots para acessar notícias

Mas os desafios ainda são grandes. Nielsen relatou uma experiência de pedir a chatbots que fornecessem as cinco principais notícias de veículos selecionados. Alguns não conseguiram trazer as reportagens, possivelmente devido ao bloqueio automático ou por cautela. Mesmo quando o conteúdo foi fornecido, sua qualidade e precisão foram questionáveis.

Certos conteúdos eram inexistentes ou falsos. Outros foram obtidos de veículos diferentes dos solicitados. Houve ainda resultados genéricos, difíceis de interpretar.

No entanto, quando testados em questões factuais específicas relacionadas a eleições, os chatbots tiveram melhor desempenho, com cerca de 80% dos resultados corretos.

Isso sugere que usar chatbots para consultas relacionadas a eleições, onde informações confiáveis de domínio público estão disponíveis, pode fornecer uma experiência mais satisfatória e útil para os cidadãos, em comparação com resultados de notícias genéricas.



Veja a revista completa com outros insights sobre usos da IA no jornalismo



Qual a melhor forma de implantar a governança global da IA?



Mariagrazia Squicciarini, Mark Surman e Jennifer Bachus em painel da Trust Conference (Foto: divulgação TRF)

Três visões diversas mostram o tamanho da montanha a escalar

Mark Surman, presidente da comunidade de software livre Mozilla, abriu sua participação em um painel da Trust Conference 2024 sobre governança global da **inteligência artificial** (IA) com duas perguntas para a plateia:

"Quem acha que a internet é uma bagunça? E quem acha que ela deveria acabar?"

Muitas mãos se ergueram após a primeira pergunta, e apenas uma depois da segunda, dando a Surman a deixa para fazer a analogia com a IA generativa: a falta atual de regras não pode levar à conclusão de que a sociedade deve abrir mão da tecnologia.

Mas é preciso nivelar as regras do jogo, como apontou **Mariagrazia Squicciarini, da Unesco**, fazendo outra analogia:

"Seria possível disputar um jogo de futebol entre duas seleções internacionais se as regras fossem diferentes em cada país?"

Parece simples, mas não é. Quem faz as regras? Como fazer cumprir? Quem pune os infratores?

Essa bola está rolando de um lado para o outro desde pelo menos 2019, três anos antes do lançamento do ChatGPT.

Mas a popularização da IA generativa, desencadeada pela ferramenta da Open AI, motivou outras empresas a se lançarem na corrida, tornando a governança global mais urgente e também mais complexa.

O painel da Trust Conference sobre o tema reuniu três especialistas - Surman, Squicciarini e **Jennifer Bachus, do Departamento de Estado dos EUA**.

Apesar de não apresentarem uma abordagem única, todos concordaram que já passou da hora de deixar as discussões teóricas e partir para a ação.

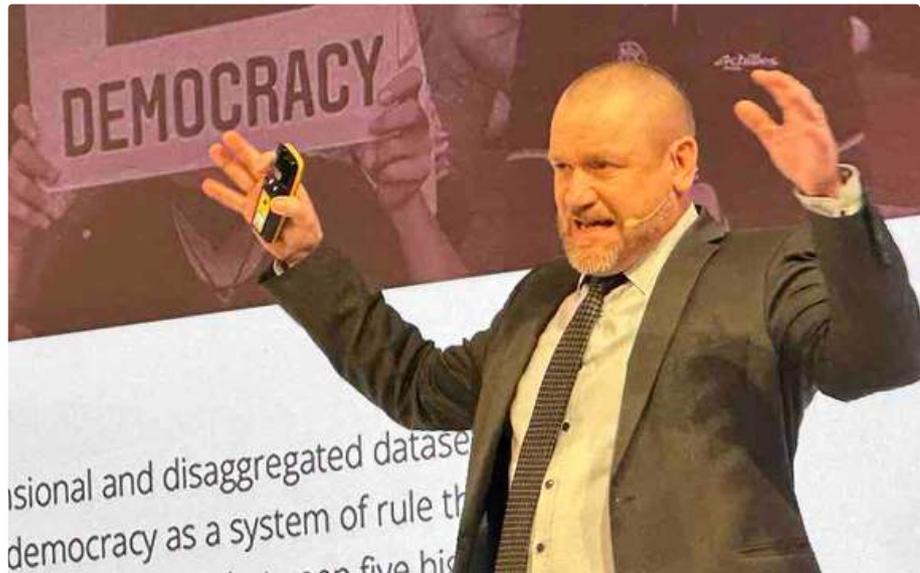
Mas cada um tem um ponto de vista diferente sobre como a governança global da IA ser feita, por quem e para beneficiar a quem. Confira as opiniões na edição completa.



Veja a matéria na íntegra [na versão completa do Especial](#)



“A desinformação leva à polarização, que leva à erosão da democracia”



Staffan Lindberg (Foto: MediaTalks)

O professor sueco **Staffan Lindberg** apresentou na Trust Conference estudos que evidenciam a forte relação entre a disseminação da desinformação, o crescimento da polarização e a erosão da democracia, num processo que se repete em diferentes países ao longo do tempo.

Lindberg é uma das maiores autoridades no assunto. Ele é Diretor do **V-Dem Institute, da Universidade de Gotemburgo**, na Suécia, que produz e analisa o maior conjunto global de dados sobre democracia, com mais de 31 milhões de informações sobre eleições de 202 países, desde 1789.

Segundo Lindberg, o mundo nunca experimentou uma quantidade tão grande de países em processo de se tornarem autocracias, ou em erosão de suas democracias.

O auge foi em 2022, quando eram 47 nessa situação, o maior número registrado desde 1900 pelo instituto.

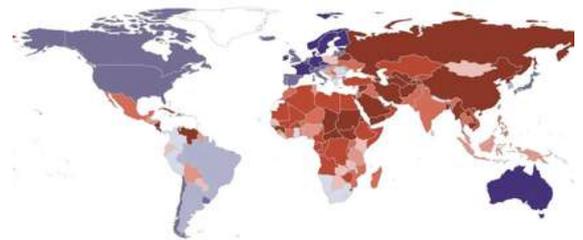
A tecnologia veio tornar mais eficiente a antiga estratégia de “dividir para conquistar”.

O professor explica que a disseminação da desinformação é usada com o objetivo de polarizar o eleitorado e daí passar a controlá-lo.

“A desinformação é espalhada intencionalmente pelos aspirantes a ditadores, que sabem que ela funciona para atingir seus propósitos. Eles e suas equipes trabalham para multiplicar a desinformação e assim aumentar exponencialmente a polarização para níveis tóxicos.

Isso leva a um estágio em que as pessoas começam a considerar como inimigos os que pensam politicamente de forma diferente. Inimigos de quem elas são e do que defendem.”

O que diz o Relatório da Democracia



- O mundo registra um aumento significativo de regimes autocráticos, com cerca de 71% da população global (5,7 bilhões de pessoas) vivendo sob autocracias.
- É o 15º ano consecutivo em que esse número supera o de pessoas vivendo em democracias.
- Em 2024, dos 34 países que realizaram eleições, 31 pioraram seus indicadores democráticos.
- A América Latina conta com 86% de sua população em democracias eleitorais e 4% em democracias liberais, mas também possui regimes autocráticos, como em Cuba, Nicarágua e Venezuela.
- A liberdade de expressão foi o indicador mais afetado no processo global de erosão da democracia nos últimos anos, tendo piorado em 35 países em 2023.



Veja a matéria íntegra e o estudo do V-Dem na versão completa do Especial

Aplaudidas de pé

As jornalistas de Gaza e da Ucrânia que emocionaram a Trust Conference

Enquanto são discutidas ameaças institucionais ao jornalismo, como o avanço da IA e a desinformação que corrói a confiança e a democracia, problemas antigos da profissão, como os riscos da cobertura de guerras, seguem causando impacto na liberdade de imprensa e no acesso do público às informações.

Na Trust Conference, um único painel fez a plateia aplaudir de pé: o dos relatos das coberturas das guerras de Gaza e da Ucrânia, feitos pela repórter da Al Jazeera Youmna ElSayed, e por Sevgil Musayeva, editora do Ukrainska Pravda.

Em Gaza, memórias destruídas

O depoimento de **Youmna ElSayed**, agora exilada no Egito, fez com que alguns chorassem. Ela contou como o prédio onde morava, em Gaza, foi destruído após várias ameaças.

Enquanto a repórter falava, eram projetadas fotos de seu apartamento antes de ser atingido por bombardeios, de seus filhos abrigados em um compartimento na cozinha, e no final os escombros do prédio.

Ela contou que perdeu todas as memórias da família - imagens dos filhos, do casamento e de todos os momentos importantes - pois o disco rígido com as fotos foi destruído junto com seu apartamento.

O drama de ElSayed parece igual ao de muitos palestinos que tiveram suas casas e vidas devastadas, mas há uma diferença: ela é jornalista, e se considera perseguida por causa disso.

A repórter revelou que o mais duro foi ouvir da filha que toda a família seria morta por causa da profissão dela.

“Foi o pior sentimento possível constatar que tinha virado um risco para a minha família, pois tudo o que qualquer mãe e qualquer pai quer é proteger seus filhos.”

Ucrânia: ‘Se nosso público fica, nós ficamos’

Sevgil Musayeva, editora do Ukrainska Pravda, destacou na conferência os riscos que jornalistas ucranianos enfrentam desde o início da agressão russa, que ela considera ter começado em 2014, com a anexação da Crimeia.

Musayeva mencionou o caso de Victoria Roshchyna, uma jovem repórter que foi capturada por soldados russos enquanto cobria os territórios ocupados. Mantida incomunicável por mais de um ano, Roshchyna teve sua morte anunciada pelo governo russo em outubro.

Musayeva também afirmou seu compromisso com o jornalismo, dizendo que não pretende se exilar, pois "se nosso público fica, nós ficamos."



Youmna ElSayed mostra como era o prédio em que morava, os filhos abrigados de bombardeios na cozinha e a construção destruída depois que a família se asilou no Egito

Veja a matéria na íntegra na versão completa do Especial

Advogados de jornalistas são as novas vítimas do cerco à liberdade de imprensa



Carolina Henriques-Schmitz | Trust Law
(Foto: divulgação TRF)

Não são só os jornalistas: uma pesquisa apresentada durante a Trust Conference 2024 demonstra que o cerco à liberdade de imprensa está cada vez mais se estendendo aos advogados que os defendem e que acabam virando também alvo de perseguição, submetidos a prisões e exílio.

A pesquisa é o resultado do esforço conjunto do Centro de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados dos Estados Unidos, do projeto Media Defence e da Thomson Reuters Foundation. O trabalho revelou que os casos têm se intensificado nos últimos cinco anos.

Os resultados preliminares identificaram mais de 40 advogados perseguidos por defenderem jornalistas ou a liberdade de atuação de veículos de imprensa. Mas esse número pode ser a ponta do iceberg, em virtude de as vítimas não reportarem a perseguição por medo de retaliações.

Os dez países campeões na perseguição a advogados que defendem jornalistas são Guatemala, Turquia, Azerbaijão, Rússia, Zimbábue, Quirguistão, Etiópia, Bielorrússia, China e Hong Kong.

Na palestra “Sob cerco: o custo de defender a liberdade de imprensa”, a **diretora do TrustLaw, a advogada Carolina Henriques-Schmitz**, da iniciativa **TrustLaw**, ressaltou que a “guerra legal” está aumentando em intensidade e complexidade.

A TrustLaw, mantida pela Thomson Reuters Foundation, é a instituição que mais destina recursos globalmente para propiciar apoio jurídico gratuito a jornalistas.

Para exemplificar a que ponto as carreiras de advogados podem ser destroçadas por governos autoritários em virtude de seu trabalho de defender jornalistas, Carolina apresentou os casos de Ivan Pavlov e Dmitry Talintov, na Rússia, que defenderam jornalistas e pagaram um preço alto por isso.

Guatemala: um caso emblemático de assédio judicial a jornalistas e seus advogados



José Carlos Zamora (foto), filho do premiado editor José Rubén Zamora, estava feliz durante a Trust Conference, pois seu pai acabara de ganhar o direito à prisão domiciliar depois de 813 dias detido.

Mas ele enfatizou que essa liberdade é apenas o início de uma nova fase de desafios, pois o caso ainda envolve vários processos em andamento.

José Carlos destacou que os advogados de seu pai enfrentaram forte perseguição, criando um ambiente tão hostil que foi necessário buscar defensores internacionais, já que os advogados locais estavam impedidos de atuar sem sofrer represálias.



Veja a matéria na íntegra [na versão completa do Especial](#)



Fim do ESG?

Não para Lady Lynn de Rothschild, CEO do Council for Inclusive Capitalism

A Trust Conference também tratou de uma questão que preocupa tanto quanto os efeitos da IA, o declínio da democracia, a desinformação e a liberdade de imprensa: o desgaste da sigla - ou dos compromissos ESG (Environment, Social, Governance).

O papel dos líderes corporativos quanto à sigla ou pior, quanto a políticas corporativas alinhadas a esses princípios foi destacado pela empresária **Lady Lynn Forester de Rothschild**.

Ela fundou e dirige o **Council for Inclusive Capitalism**, que tem como objetivo estimular ações que tornem a economia e as sociedades mais inclusivas, sustentáveis e confiáveis.

Apesar dos contratemplos, Lynn de Rothschild permanece otimista sobre o progresso em questões como mudanças climáticas, diversidade, equidade e inclusão (DEI) e o papel das corporações na condução de transformações.

Ela enfatizou a necessidade de superar a percepção de que não se pode ser favorável ao mesmo tempo ao trabalhador e ao mercado.

“*Não existe dicotomia. Empresas que priorizam o bem-estar de seus trabalhadores tendem a ter mais sucesso a longo prazo. E a mudança tem que vir dos líderes.*”



Lady Lynn Forester de Rothschild
(Foto: divulgação TRF)

Um plano de 5 passos para manter o ESG vivo

No mesmo painel, **Sally Uren**, diretora-executiva da organização não-governamental **Forum for the Future**, apresentou um plano para reagir à tendência de fim do ESG, presente em nível global e com mais força nos Estados Unidos.

Os opositores dos pilares ESG afirmam que a cobrança por adoção de práticas ambientais, sociais e de governança (Environment, Social, Governance, em inglês), fundamentais para o desenvolvimento sustentável, estaria prejudicando o crescimento e os lucros das empresas.

Para Uren, no entanto, no longo prazo essa visão não se sustenta, pois perpetua desigualdades sociais e econômicas a fim de favorecer um grupo de acionistas em detrimento da coletividade.



COMO TORNAR A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL CONFIÁVEL NO JORNALISMO E NA SOCIEDADE?



'REDUZIR', 'AUMENTAR' E 'TRANSFORMAR'

Os três pilares do uso da IA nas redações da Reuters



LIBERDADE DE EXPRESSÃO É O COMPONENTE DA DEMOCRACIA MAIS DESRESPEITADO NO MUNDO



TRANSPARÊNCIA CORPORATIVA

Resultados preliminares mostram avanços em DEI (Diversidade, Igualdade e Inclusão)



GOVERNANÇA CORPORATIVA DA IA

Ferramenta com aval da Unesco vai ajudar empresas a garantirem padrões éticos



SALLY UREN, FORUM FOR THE FUTURE

5 passos contra os 'ventos destrutivos contrários ao ESG'